

COLONIALIDADE DO SABER DOCENTE - REFLEXO SOBRE O SER

Genilda Alves Nascimento Melo (1); Célia Jesus dos Santos Silva (2); Andréia Quinto dos Santos (3)

(1) Instituto Superior de Ciências Educativas (Ramada - PORT); genilda2010@gmail.com;

(2) Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus – BA); celiaflorzinha@gmail.com.

(3) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); andreia.quinto@hotmail.com.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo tomar por empréstimo, nas Ciências Sociais, a lógica da colonialidade/decolonialidade do poder, do saber e do ser na relação sociedade e profissão docente e **discutir** de que maneira o Direito dos Humanos tem sido desumanizado na profissão professor, de forma a torná-la excluída. A sustentação teórica em Aníbal Quijano; Boaventura Santos; Walter Mignolo; Enrique Dussel; Marc Augé; Benevides – Pereira; M. Estive; Frantz Fanon; Roberto Cruz; José Moran; Codo; Fernando Costa; Eduardo Reis; Claude Dubar; Norberto Bobbio; Fernanda Gragato; Saúl Jesus; António Nóvoa; Michel Pêcheux; Alarcão e Canha; Benevides – Pereira e Garcia; Assunção e Oliveira discutirá os conflitos do professor, na contemporaneidade, na prática efetiva docente: sobrecarga de atividades, formação deficitária, precárias condições no aparato técnico e tecnológico; exigências extremas, quanto a resultados positivos; abandono da classe representativa e os olhares censuradores dos diversos segmentos sociais. Esse desrespeito pela profissão docente leva a crise de identidade, conseqüente doenças físicas e emocionais. **Método:** quali – quanti de pesquisa, embasado no caráter subjetivo, que permite a dialogicidade e a valorização entre os sujeitos. **Resultados:** É imperativo, o repensar social sobre a importância do papel do professor na formação dos sujeitos. Assim, através de ações mais humanizadoras, participar da reconstrução da imagem desse profissional tão desgastada.

Palavras – chave: Colonialidade, Decolonialidade, Saber docente.

1. INTRODUÇÃO

COLONIALIDADE DO SABER DOCENTE - reflexo sobre o Ser surgiu das aflições diárias das autoras, frente aos conflitos entre o exercício efetivo da profissão e a contrarrecepção no olhar dos diversos segmentos sociais, conhecidos como parceiros, redes, diante das dificuldades em sala de aula, em relacionamento desdenhoso do aluno; a violência estampada em diversas cores – dentro e fora do ambiente escolar; do desinteresse do estudante em participar ativamente da aula e realizar tarefas; o comportamento agressivo e desrespeitoso do aluno, em razão do uso de substâncias químicas diversas; de resultados negativos em fim de cada unidade e o mais grave: os

pares atribuírem a responsabilidade dos “males do mundo”¹, ao possível mau desempenho do professor, como no mito grego, o professor é responsável pela nova Caixa de Pandora.

Somada a essas situações, a falta de apoio dos órgãos representantes de classe, para juntos encontrar saídas possíveis. Mais tenso ainda são as políticas públicas voltadas para o professor, que em nada contribui para melhoria do desempenho docente.

A sociedade moderna tem exercido um poder sobre o ofício de professor, no sentido em determinar o que o docente deve ou não fazer; como deve ou não se comportar em sala de aula; dita as regras e exige o cumprimento. Esse comportamento social traz um espectro de que o professor não tem domínio sobre seu objeto de trabalho: o conhecimento. Existe um desrespeito quanto a profissão docente. António Nóvoa (2007) comenta que é a única profissão em que outras áreas do conhecimento, como também, outras profissões querem intervir.

Fernanda Bragato (2015) surpreende, questionando de que maneira é exercida a lógica dos direitos humanos, pois que se preconiza igualdade para todos, mas por que alguns passam a ser menos humanos, na relação em que direitos são violados. Afirma a escritora, que direitos humanos são transgredidos em diversos lugares no mundo; entretanto, existem alguns seres mais atingidos em sua dignidade que outros. Walter Mignolo (2017) mostra que este é o lado oculto da modernidade, o que Aníbal Quijano (2005) chamou de colonialidade. Aplica-se, portanto, a profissão professor.

É preciso haver uma recomposição do sistema de crenças do professor, pois será outro elemento que norteará novos valores e medidas em sala de aula para o estudante do século XXI. Imprescindível, o reconhecimento da profissão-centro (Nóvoa, 2017) como formadora das demais profissões e respeitá-la.

2. METODOLOGIA

2.1 Colonialidade na educação – processo de despersonalização do humano

A política sócio – econômica trazida pelo eurocentrismo impõe um sistema educacional mercantilista com a palavra de ordem: tecnologia. O reducionismo em pensar que só a ciência pode explicar o fazer cotidiano e apenas é científico o que se produz tecnologicamente. Mignolo (2017) mostra que somente uma mínima

¹ Expressão usada para dar ênfase a infinidade dos problemas responsabilizados aos professores

porcentagem da população do mundo tem acesso efetivo de uso tecnológico. Em média, 80% da população mundial, a tecnologia não é uma realidade presente no dia a dia das pessoas. Mas se chegasse, mais próximo, essas pessoas teriam acesso ao menu?!

Seres, máquinas programadas por um sistema determinista histórico – cultural, mas que arraigado diariamente pela imposição colonial: hierarquia estética (arte, literatura, teatro) trazem o sentido do belo e do nobre; a imposição epistêmica que privilegia o conhecimento e a cosmologia ocidental em detrimento dos não ocidentais; a supremacia linguística que privilegia as línguas ocidentais e subalterniza não ocidentais; a ideia de homem moderno trazido pelo Renascimento, singularizando – o, fator do princípio racista, separatista e classista.

A escola, através do sistema educacional, reproduz esses conceitos e valores. Na observação do trato ao desrespeito a cultura negra, a influência da escola é tão impositiva que o negro é despersonalizado. Ele precisa se comportar como nos modelos do branco. Frantz Fanon (2008) intitula esse comportamento de “peles negras e máscara branca”, ²diz que quando o negro se comporta dentro dos valores culturais próprios é considerado “inautêntico”. De igual modo, a relação da escola com a cultura indígena. O índio é ingênuo, preguiçoso. O europeu chegou, vestiu o índio, deu uma nova língua, aculturou (despersonalizou). Esse processo é transmutado para as novas classes sociais, promovidas (inversamente) pelo crescimento econômico; em paradoxo, trouxe também a exclusão social. Fanon (1968) traduz o estado desse homem pós-moderno, assim como no assujeitamento do negro e do índio, em “Os condenados da terra”³. Outros grupos considerados minoritários também são invisíveis para o Sistema Educacional.

2.2 Professor – o outro invisível na sociedade pós-moderna

O modelo social dominante hoje, a colonialidade do poder, diz-se do vínculo entre o mundo colonial e a sociedade contemporânea. Um grupo hegemônico comanda e os demais grupos são submetidos, escravizados. Constrói-se um outro, pelo qual as ações de produção são exercidas, mas que se torna invisível (COSTA, 2008) no trato diário, no processo em “encobrimento do outro” (DUSSEL, 1992).

É mesmo assim que acontece com a profissão docente: a pós – modernidade em todo o seu avanço tecnológico e de conhecimento científico atribui ao professor a carga

² Obra francesa traduzida para a Língua Portuguesa

³ Obra mais conhecida do autor

exaustiva de resultados. Ele é a base para esse “fabuloso”⁴ crescimento e da extraordinária mudança no sistema mundial, para que se adeque às normas de um novo modelo de política partidária, de economia, de educação, de saberes diversos; mas ao mesmo tempo, a sociedade desconhece a existência de um SER, humano, possuidor de características próprias; com formação específica para atuar em uma área específica. Relega os saberes adquiridos em um momento histórico, que compõe os valores do sujeito, como ainda da profissão. Nisto se é descoberto o lado escuro da modernidade, chamado por Walter Mignolo (2017) por Colonialidade.

A violência simbólica é trazida pelo destrato; parte da agressão física do aluno, para como o professor, em sala de aula; perpassa pelo desrespeito dos pais (responsáveis) do aluno, quando ofende e até esmurra o professor, se o filho tira nota baixa; às condições de trabalho (falta de aparato técnico e tecnológico); remuneração inferior a outras classes de profissionais; mais ressignificativo, em tom negativo, quando tudo isso é chancelado por representantes de Órgão Central da Educação na Bahia, ao dizer que “o professor é preparado pela academia, para quando o aluno mandar tomar[...]”⁵, entre os adjetivos depreciativos; ele, o professor, deve dissimular, pois isto é a linguagem do jovem.

Bragato (2015) diz que existe uma estigmatização de um SER; a negação da identidade de um sujeito; a colonização no trato ao outro. E o estatuto da humanidade, foi esquecido? Se todos foram declarados iguais para a lei; únicos, individuais, com os direitos declarados inatos e invioláveis — vida, liberdade, segurança e propriedade, assegurados pela igualdade formal diante da lei; por que uns são menos humanos do que outros? O aluno deve ser mais humanizado, respeitado em sua individualidade. Ele tem sido o centro do Sistema Educacional Brasileiro. Mas, por que o professor, elemento base para humanização do aluno, é desumanizado por este grupo que o ajuda compor?

Norberto Bobbio (1995) vai além das delimitações, apela para o jusnaturalismo: todos os homens têm direito à vida, à liberdade, **à segurança e à felicidade**⁶. A profissão professor está situada no outro lado da linha abissal (SANTOS, 2010), mas no mesmo lado do índio desprezado; do negro escravizado; da mulher explorada e oprimida; da criança abandonada e da cultura popular descaracterizada. O docente é um

⁴ Sentido duplo trazido pela palavra: o popular maravilhoso, ao mesmo tempo lendário, imaginário.

⁵ Discurso proferido por uma representante do órgão central, em 13.06.18, no auditório da unidade escolar, onde as autoras são lotadas.

⁶ Ênfase dada pelas autoras.

não – ser? Ele tem sido um elemento com maior vulnerabilidade de direitos: o respeito, a segurança e a vida lhe têm sido negados.

Figura 1 – Desumanização da profissão docente



Fonte: Google imagens
Acesso em: 07.07.2018

2.3 Do desencanto ao abandono de si

Na observação da complexidade humana, as ciências médicas, sociais, psicológicas, sociológicas e antropológicas convergem para uma definição de um ser saudável. Assim, saúde não é apenas a ausência de doenças, mas um estado geral de bem-estar físico, mental e social. Para que um sujeito seja considerado sadio é preciso atender o estado completo de saúde energética, física, emocional e mental.

O impacto da colonialidade sobre a profissão docente trouxe a desumanização do SER, a invisibilidade; pior, os maus tratos. O estresse ocupacional tem sido objeto de muitas páginas de pesquisa sobre esse trabalhador. Um composto de desequilíbrio psíquico e orgânico gerados por diversos estímulos que vão desde a qualidade do clima até as emoções e condições de trabalho; como resultado não satisfatório às exigências do mercado, por um imperativo da sociedade do conhecimento.

Os trabalhadores em educação têm enfrentado um misto de necessidade de cumprir novas tarefas impostas pela sociedade pós-moderna e ao mesmo tempo equilibrar a complexidade das vontades dos sujeitos criadas por essa sociedade do excesso. O superlativismo nas ações do ser humano pós-moderno desemboca na escola, onde adolescentes e jovens esboçam uma vida simulacra de desejos e fantasias diárias, adversas ao currículo apresentado pela escola, e, em confronto a metodologias preteristas do professor. Essa atividade paradoxal docente vem causando descontentamento ao professor. Assunção e Oliveira (2009) argumentam que,

A gestão atua sobre os recursos humanos, gerando mais tarefas e exigindo um perfil flexível em detrimento de adequações ou de medidas facilitadoras como recursos materiais (microfones, salas de vídeo, ambiente multimeios),

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



dimensionamentos qualitativo (habilidades e formação dos membros da equipe) e quantitativo do efetivo, projeto da sala de aula etc. Ou em outros casos, dependendo do modelo de gestão adotado pelas redes de ensino ou pelas escolas, pode resultar em práticas que bloqueiam a criatividade dos professores (ASSUNÇÃO e OLIVEIRA, p.12)

O excesso de novas demandas impostas pela sociedade à escola; o desrespeito e o recanto a um “não – lugar” (AUGÉ, 1994) praticado pela comunidade escolar e de entrono tem ocasionado a intensificação do comportamento indicador de um esgotamento físico, mental e emocional do professor: ansiedade, depressão, irritabilidade e hostilidade. Reis et. al (2006) relaciona esses sintomas ao esgotamento profissional como Síndrome de *Burnout*, que inglês, literalmente, *burn-out* - combustão total. A conceituação está associada a processos iniciais com excessivas e duradouras condições de tensão no trabalho, pois que, a origem está na qualidade das relações interpessoais. Conjunto dual de fatores clínicos e psicológicos, em crescimento exacerbando, a grau de incapacidade social. Codo (2006.p.238) diz que “[...] é uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece ser inútil”

Estive (1999) considera, como fatores primários da doença, os que trazem conflitos associadas a sentimentos e emoções negativas que atuam diretamente sobre a gestão da sala de aula, tais como: recursos materiais, condições de trabalho, a violência na escola, o esgotamento docente e a acumulação de exigências sobre ele. Os fatores secundários são os relacionados ao contexto da docência: novas demandas na ação do professor, mudança nos agentes tradicionais de socialização; as contradições, a falta de apoio, as disputas dentro da função, o desgaste da imagem do professor; os novos objetivos do sistema educacional, com metas exaustivas para acompanhar o avanço do conhecimento. Jesus (2004) apresenta também como causa o número excessivo de alunos em sala de aula; as exigências do sistema público, além do esperado pelo professor, as condições de trabalho na escola.

Quadro 1 – Sintomatologia

SINTOMATOLOGIA DE BURNOUT	
ASPECTOS FÍSICOS Fadiga constante e progressiva Distúrbios do sono Dores musculares ou osteomusculares Cefaléias, enxaquecas Perturbações gastrointestinais Imunodeficiências Transtornos cardiovasculares Distúrbios respiratórios Disfunções sexuais Alterações menstruais	ASPECTOS COMPORTAMENTAIS Negligência ou excesso de escrúpulos Irritabilidade Incremento da agressividade Incapacidade para relaxar Dificuldade na aceitação de mudanças Perda de iniciativa Aumento do consumo de substâncias Comportamento de alto risco Suicídio
ASPECTOS PSÍQUICOS Falta de atenção e concentração Alterações de memória Lentidão do pensamento Sentimento de alienação Sentimento de solidão Impaciência Sentimento de insuficiência Redução da auto-estima Labilidade emocional Dificuldade de auto-aceitação Astenia, desânimo, disforia, depressão Desconfiança, paranóia	ASPECTOS DEFENSIVOS Tendências ao isolamento Sentimento de onipotência Perda do interesse pelo trabalho ou lazer Absentismo Ironia, cinismo

Fonte: Benevides – Pereira (2001, p.79)

22

.br

Este fenômeno envolve três dimensões: reduzida realização profissional. Benevides – Pereira (2001) considera quatro amplos aspectos indícios para a *burnout*, (sentimento de insuficiência e fracasso profissional), pois tem origem nos fatores sociais de ordem ocupacional, já que Roberto Cruz (2011) a identifica como doença que ataca pessoas perfeccionistas ou com extrema dedicação ao trabalho. Há sobrecarga laboral, pois, as demandas são maiores que os recursos materiais e humanos. Bauman (1998) vaticina este momento: o professor é um estranho em sua própria sociedade, apesar de ser considerado como base de sustentação, ele não consegue se ajustar e produzir conforme necessidade da demanda. Pois, o que era produzido por habilidades individuais e inatas, agora é intermediado por tecnologias, compradas no mercado.

Outra afeição sintomática é a exaustão emocional (sentimento de esgotamento tanto físico como mental, sentimento de não dispor de energia para qualquer tipo de atividade). Neste aspecto, vem o esforço do profissional em adaptar-se e produzir uma resposta emocional ao desajuste observado, por não atingir as metas propostas dentro de um padrão de aceitabilidade pessoal; arrazoar-se a desesperança, solidão, depressão, raiva, impaciência, irritabilidade, tensão, diminuição de empatia; sensação de baixa energia, fraqueza, preocupação; aumento da suscetibilidade para doenças, cefaleias, náuseas, tensão muscular, dor lombar ou cervical, distúrbios do sono. A recusa afetiva provoca o distanciamento da presença de outras pessoas. Cruz (2011) compara essa fase da *burnout* a uma vela se apagando. A pessoa pode não apresentar sintomas físicos de fadiga, mas se mostra sem energia para a vida.

A despersonalização (sentimento de indiferença) é a face mais avançada da síndrome: o confronto na defesa de um ideal, mas que, não alcançado, gerou o profundo desencantamento. Cruz (2011) mostra que, neste momento, “você não mais reconhece o limite do seu EU”. “A insegurança passa a ser parte da vivência diária: a pessoa não sabe mais como fazer, que limite deve fazer, não sabe mais o limite de sua ação social”.⁷

Cruz (2011) chama a atenção para o cuidado no acompanhamento da percepção da doença. Faz uma metáfora, comparando pessoas em estado de *burnout* a um elástico que, sob extrema pressão, não retorna a sua tensão original. “O indivíduo quebra a sua

⁷ Palestra proferida pelo psicólogo Roberto Cruz, professor, pesquisador e coordenador do Laboratório Fator Humano da Universidade Federal de Santa Catarina. Tema Síndrome de Burnout, apresentado por Vanderlei Ricken em 09 de abril de 2012, no Programa Justiça do trabalho.

condição de vida [...] o que é mais grave no *burnout* é o grande cansaço com a vida, [...] por isso propensão ao suicídio”, há a quebra com o mundo social do trabalho e com a vida; por ser pessoas dinâmicas, muito produtivas, não vêm mais sentido para a vida fora daquele mundo idealizado.

Para esse estudioso, outro fator agravante na *burnout* é a “comorbidade” – doenças que se aninham ao contexto: é comum um burnoutado experimentar algumas das situações - automedicação, uso de drogas; outro tipo de transtorno mental, depressão. Precisa de um tratamento específico e qualificado. Por ser a despersonalização a etapa pós crítica da síndrome, pode-se observar que pessoas que passaram por esse momento têm um histórico de uma marca negativa de gestão funcional: a gestão despersonalizadora, com metas impossíveis, sem meios de realizar as metas impossíveis, baseada em conflitos, na intimidação; naturalização do assédio moral, contribuiu para desenvolvimento sintomático no sujeito paciente.

2.2 Decolonialidade do SER– retorno ao sentimento de pertença do professor

Entende-se por Decolonialidade o movimento de intelectuais latino – americanos que propõe medidas de resistência a dominação geopolítica – em que sustenta a difusão da epistemia privilegiada; relega o saber de outros povos, senão o produzido por um grupo autorizado, o europeu (MIGNOLO, 2017); a superioridade epistêmica que desvaloriza a produção de conhecimento de outros povos, provocando o encobrimento desses povos (DUSSEL, 1992), a dominação ontológica de um modelo padronizado, que invisibiliza a existência do outro, desterra a um não - lugar (AUGÉ, 1994); (QUIJANO,2005); assujeitando esse sujeito (PÊCHEUX, 1995) e incute, não somente nos currículos, mas na mente das pessoas a subalternização ao eurocentrismo, transformando gerações a condenados na terra.(FANON, 1968)

Nesse compasso, todos os grupos que foram condenados a invisibilidade; todas áreas do conhecimento relegadas a fronteira; todas as profissões desprivilegiadas, sem distinção são convocados a realizar a desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008), chamando para destaque, a profissão docente. Na política da pós – modernidade, o professor precisa destacar a sua identidade, em que os demais grupos sociais precisam reconhecer a existência, como formadora das demais profissões e respeitá-la de forma precípua (DUBAR, 2006); já que, a pesar de se atribuir a ela, emblematicamente, mas paradoxalmente, como a profissão – mãe; é desprivilegiada e desrespeitada, pelas

profissões – filhas. Afastam – na da fronteira, lugar de trocas; para lugar – nenhum, onde só há indiferença, dessemelhança, desencontros.

A profissão docente precisa posicionar– se frente a desconfiguração profissional, a perda de identidade. Retomar o seu lugar de origem. Território é um símbolo de formação de identidades, de pessoas que batalham por encontrar a sua origem em meio à perda de valores no processo de globalização. Para Alarcão e Canha (2013) é o sentimento de pertença, dinâmico, que se constrói na relação entre o desejo e a realidade, entre o eu e os outros.

A identidade do profissional em educação precisa ser recuperada dentro de um novo território, espaço-lugar, sala de aula; vivência educativa; novas relações de processos precisam ser estabelecidas entre escola - comunidade; professor- aluno; pois que “a identidade de um ser perfaz pela identidade do outro” (Codo, 2002, p.06) Este profissional necessita recompor, junto com o aluno, o tempo – viver o presente, compreendendo o dinamismo, representado pelas tecnologias no cotidiano do aluno; o espaço – multiterritorial – o domínio de vários espaços físicos convencionais e virtuais; outros espaços fora de sala de aula, a cidade educadora como espaços de aprendizagem. José Moran (2003) convida a escola do século XXI para reinventar a forma de ensinar e de aprender. É preciso ainda recompor a cultura - compreender que o estudante pós-moderno é digital – usar a escrita tradicional é um dos grandes empecilhos nas atividades diárias em sala de aula.

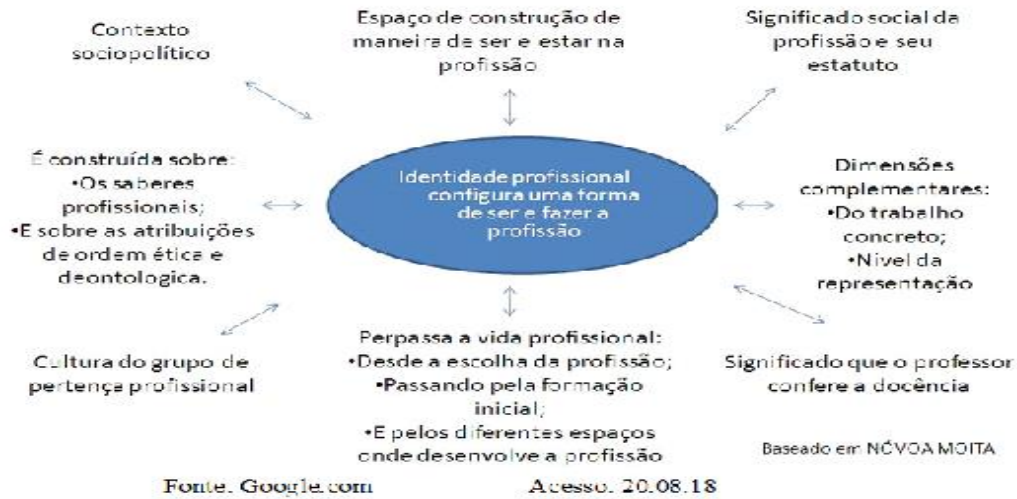
A recomposição do sistema de crenças pelo professor é um dos elementos que trará norte aos novos valores e medidas em sala de aula na relação com o aluno e com demais segmentos representativos.

3. RESULTADOS / DISCUSSÕES

A literatura vem comprovando as dificuldades enfrentadas pelos professores neste primeiro período do século XXI, em que a relação docente, com os novos padrões impostos pela sociedade do conhecimento, tem entrado em confronto com o sistema de valores, crenças e formação técnico – pedagógica, o que vem causando estresse e diversas síndromes para o professor.

Figura 2 – Composição da Identidade docente

Identidade Profissional do Professor



Estudiosos da educação têm intermediado, com trabalho de discussão, mostrando a necessidade de recomposição da identidade do professor. António Nóvoa, um dos grandes ícones da educação, em defesa do professor, mostra a composição da identidade do professor.

4. CONCLUSÕES

A sociedade do conhecimento trouxe subalternização para a profissão – centro, com excessiva carga de trabalho, exigências além do que o professor tem podido suportar. Este efeito horn⁸, vem causando doenças, síndrome e crise identitária doente.

O imperativo é recompor o sistema de crenças e valores, dessa profissão tão necessária, para que a sociedade caminhe. Que os pares de segmentos sociais representativos tenham essa consciência. Não apenas a escola e o professor são responsáveis pela formação do aluno, mas a família e demais segmentos sociais.

⁸ Por analogia, diz-se sobre a demonização criada para a profissão docente, onde resultados negativos do rendimento do aluno são atribuídos apenas a incompetência do professor.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO I.; Canha, B. **Supervisão e Colaboração- Uma Relação para o Desenvolvimento**. Porto: Porto Editora, 2013.

ASSUNÇÃO, Ada Ávila; OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Intensificação do trabalho e saúde dos professores**. Educ. Soc., Campinas: Educ. Soc. vol 30, 2009.

Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

Acesso em: 02.01.15

AUGÉ, Marc. **Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994. Coleção travessia do século.

CODO, Wanderley. **Identidade e economia (i): espelhamento, pertencimento, individualidade**. Universidade de Brasília, 2002.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n3/a09v18n3.pdf>

Acesso em: 20.04.15

CODO, Wanderley. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. GARCIA, Lenice Pereira. (2003) **investigando o burnout em professores universitários**. Revista Eletrônica InterAção Psy – Ano 1, nº 1. 2003.

BOBBIO, Norberto. **Teoria do Ordenamento Jurídico**. Tradução de Maria Celeste C.J. Santos. 6 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.

BRAGATO, Fernanda Frizzo. **A lógica da colonialidade e a negação de direitos**. Palestra ministrada durante a segunda etapa do evento "Conversações Interculturais no Sul Global", que se deu nos dias 20 e 21 de novembro de 2014, na Unisinos, em São Leopoldo/RS.

Publicada por: Núcleo de Direitos Humanos - Unisinos em 22.02.2015

Acesso em. 30.06.2018

COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Editora Globo, 2004.

CRUZ, Roberto. **Síndrome de Burnout**. Palestra proferida na Universidade Federal de Santa Catarina. Tema apresentado por Vanderlei Ricken em 09 de abril de 2012, no Programa Justiça do trabalho.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. Trad. Catarina Matos. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

DUSSEL, Enrique. **1492 - O Descobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1992.

Esteve, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado coração, 1999.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

Jesus, Saúl Neves. **Motivação e formação de professores**. Salvador: Quarteto, 2000.

NÓVOA, António. **Regresso do professor**. Lisboa, 2007.

Disponível em:
<https://escoladosargacal.files.wordpress.com/2009/05/regressodosprofessoresantonio>
Acesso em: 03.07.2018

_____. **Desafios do Trabalho e Formação Docentes no Século XXI**. Evento ocorrido no dia 31 de maio de 2017, organizado pelo Sindicato dos Professores Municipais de Novo Hamburgo - SindprofNH. Acesso em: 03.07.2018

MIGNOLO, Walter. **Desobediência Epistêmica: A opção decolonial e o significado de identidade em política**. Tradução de Ângela Lopes Norte. Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, 2008.

_____. **Colonialidade – o lado mais escuro da modernidade**. Tradução de Marco Oliveira. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vo. 32, nº 94, junho/2017.

MORAN, José. **Educação inovadora presencial e a distância**. In: Contribuições para uma pedagogia da educação online. Org. Marcos Silva. Educação online. São Paulo, Loyola, 2003.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso - uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, Editora da Unicamp, 1995.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: **Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino – americanas**. Edgardo Lander (org) Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro de 2005.

Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidad
Acesso em: 26.06.2018

REIS, Eduardo J. F. Borges dos et al. **Docência e exaustão emocional**. *Educ. Soc.* [online]. 2006, vol.27, n.94.
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-733020060001000>
Acesso em: 20.06.18

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.